

A antessala do Perdão



HOMILIA DO PADRE ERNESTO POPELKA
14/03/2010
TIJUANA/MÉXICO
INSTITUIÇÃO DALMANUTÁ



O filho perdido e o filho fiel: “o filho pródigo”.

“Disse ainda: “Um homem tinha dois filhos. O mais jovem disse ao pai: “pai, dá-me a parte da herança que me cabe”. E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, ajuntando todos os seus haveres, o filho mais jovem partiu para uma região longínqua e ali dissipou sua herança numa vida devassa.

E gastou tudo. Sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar privações. Foi, então, empregar-se com um dos homens daquela região, que o mandou para seus campos cuidar dos porcos. Ele queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E caindo em si, disse: “Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome”! Vou-me embora, procurar meu pai e dizer-lhe: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho, trata-me como um dos teus empregados”. Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai.

Ele estava ainda longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos. O filho, então disse-lhe: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho”. Mas o pai disse aos seus servos: “Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe o anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei um novilho e cevado e matai-o; comamos festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado!” E começaram a festejar.

Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto de casa, ouviu músicas e danças. Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe disse: “É teu irmão que voltou e teu pai matou um novilho cevado, porque o recuperou com saúde”. Então ele ficou com muita raiva e não queria entrar. Seu pai saiu para suplicar-lhe. Ele, porém, respondeu a seu pai: “Há tantos anos que te sirvo e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos. Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas um novilho cevado!”.

Mas o pai lhe disse: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi encontrado!”

(Lc 15, 11-32)

Aconselho-os que, além do texto que acabamos de ler (do capítulo 15 do Evangelho segundo São Lucas), busquem também nas Bíblias que possuem em suas casas e repassem um pouquinho o anterior e o posterior a esta passagem, os capítulos 10, 11 e 14, porque vão encontrar uma série de parábolas que nós cristãos conhecemos desde pequenos, desde que íamos à catequese. Basta escutar as primeiras palavras para que nos emocionemos: “*um homem tinha dois filhos*” (Lc 15,11), e já sabemos o que está por vir: a famosa e enternecedora parábola do Filho Pródigo, que há

muitos anos foi rebatizada por padre Montes, que a chamou “Do Pai Misericordioso” porque dizia que esse filho não era pródigo, mas um espertinho, e que o que verdadeiramente mostrava era a misericórdia do Pai. Mais tarde, na encíclica “*Dives in Misericordia*”, João Paulo II também disse o mesmo: *é a parábola do Pai Misericordioso*. Também conhecemos aquela outra parábola, na qual Jesus diz: “*Um homem descia de Jerusalém à Jericó*” (Lc, 10,30), já sabemos que está por vir a parábola do Bom Samaritano, com toda aquela conclusão de “fazer o bem sem olhar a quem”, ou de estar disposto a abandonar outros planos para ajudar a quem mais precisa. Ou ouvimos: “*Jesus entrou em um povoado e uma mulher o recebeu em sua casa*” (Lc, 10,38), e já sabemos que está por vir o encontro de Jesus com Maria, Marta e Lázaro, nessa cena tão cálida, tão profunda. Ou aquela outra que também é narrada neste contexto do Evangelho de São Lucas: “*O semeador saiu a semear*” (8,5), e segue toda a parábola do semeador e a semente. Enfim, são todas parábolas, cenas de misericórdia, de carinho, de ternura, de gratuidade, de graça de Deus, de *gratia plena* em latim; daí vem a palavra “grátis”, gratuito, o agradecido ou agraciado; ou também é o “engraçado”, que faz graça a Deus; o que caiu na graça de Deus: agradou a Deus. Quando dizemos isso nos referimos ao que lhe caiu bem. Por quê? Não sei, não foi nem por tua cara bonita, nem por teu mérito. Por que o samaritano ajuda o outro? O outro não fez nada para receber essa ajuda. Por que o pai faz uma festa para o filho pródigo? Não há um porquê, ao contrário, por sorte não me

perguntaram, senão eu passaria pra ele “a conta”¹: “*Ah, chegaste meu filho! Bom, olha só, estás me devendo isso, isso e isso*”, e depois, então, a gente conversa. O que foi que Marta, Maria e Lázaro deram a Jesus? Entretanto se derrama em amor. O que fez a terra pelo semeador para que ele tanto a cuide? Nada, é tudo um investimento prévio, é tudo um ato gratuito, agraciado e desinteressado, ou seja, misericordioso.

Portanto, estamos em um domingo de Quaresma, das cinzas, ou das cinzentas – como comentava outro dia –, do arrependimento, claro que sim, do jejum, da abstinência, de rasgar nossas vestes... mas, longe de insistir no depressivo, na culpa, em “perdoai as nossas dívidas”, etc., hoje se está insistindo no gratuito, no agraciado, e até mesmo engraçado, no simpático; não do piadista que se acha inteligente, mas do gracioso, inteligente, no que reflete sabedoria, criatividade e vitalidade.

Disso estamos falando quando dizemos que celebramos o domingo da antessala do perdão. A palavra perdão vem de *perdonar, perdonare*, para doar, para a doação, para o presente. Perdoar significa “para doar, para presentear, sem esperar nada em troca”, porque do contrário seria um empréstimo, um comércio, um aluguel ou venda. E se trata de um perdão que tem a característica de recuperar o que estava perdido, por isso lhes digo que prestem atenção à segunda leitura, porque a palavra “reconciliação” vai ser uma palavra-chave. Muitas vezes, na segunda leitura, é repetida por São Paulo na carta aos Corintos:

¹ Original: “*le paso todas las facturas*”.

reconciliar é restaurar. Também recomendo que leiam essas parábolas que narra São Lucas, onde aparecem a mulher que perdeu uma moeda, ou o homem que perdeu uma ovelha e a recupera, reencontra, a reobtem, dando a entender duas coisas: em primeiro lugar, que se reconecta ou se encontra o que estava perdido – como aqui o Filho Pródigo, que estava perdido e foi encontrado, estava morto e retornou à vida – portanto, recuperamos o perdido. Entretanto, falando de forma cristã, não se trata apenas de recuperar o que estava perdido: se trata de obter muito mais além do que estava perdido. O que recuperamos em Cristo é muito mais do que o que perdemos em Adão. Pelo pecado perdemos o paraíso terreno, o Jardim do Éden, mas o que recuperamos em Cristo é muito superior ao que perdemos, por isso o cristianismo não é regressivo. Não é “ir resgatar o santo Sepulcro que está com os mulçumanos”, como diriam nas Cruzadas, mas sim ir recuperar aquilo perdido, acrescentado por tudo o que vamos obtendo nesse tempo; portanto, o que obtemos é muito mais do que o que perdemos. O ouroborus – a serpente que morde o próprio rabo – é um antigo símbolo que indica que voltamos ao princípio, voltamos a experimentar os sentimentos primários, inocentes e puros que tivemos quando crianças, só que acrescentados à experiência que temos como adultos. Quando no Batismo nos referimos a um renascimento, recuperação, não é apenas voltar a ser criança, começar a brincar e gritar como fazem os pequenos. Não! É recuperar a inocência perdida, a brancura da alma, mas agregando os anos de experiência que temos. Então, é

muito mais do que o que perdi quando era pequeno. Comprometi-me com Cristo na primeira Comunhão a entregar-lhe a flor da minha inocência, e pedi em troca seu divino amor. Ele foi fiel e eu não; mas na reconciliação, com a reconexão, recupero a inocência perdida; e não somente recupero aquilo, não volto a ser o mesmo que era quando pequeno – pois seria psicologicamente uma regressão. Então agora me ponho a jogar bolinhas de gude? Era só o que me faltava! Não, recupero os sentimentos puros que tinha na infância somados à experiência, às graças, virtudes e conhecimento que adquiri nesses 25 anos de vida que tenho...

Daí vem também a palavra “religião”. Praticamos uma religião. A gente pergunta: “De que religião tu és?” “Católico”, respondemos. Eu queria ser pelo menos re-ligioso; porque se trata de re-conectar, re-ligar, ou seja, voltar a ligar o indivíduo com o que foi perdido, e além disso somando-lhe toda a experiência que adquiriu. Quando o povo de Israel recupera a terra perdida, não apenas recupera aquela terra, mas adiciona tudo que obteve no Egito: saquearam o Egito e trouxeram tudo. Quando o povo de Israel reconstrói três vezes o templo, cada vez que o reconstrói é muito melhor que o anterior. Isso é o curioso, a reconstrução é superior ao construído, o que se obtém é mais do que se perdeu. Esse é o conceito da reconciliação, de reconectar-nos, de religar-nos ou restaurar tudo isso. O prefixo “re” não apenas serve para re-petir as coisas, mas sim para re-enriquecê-las. Vale a pena insistir, para que fique claro, que recupero o perdido e além do mais me enriqueço com tudo o anterior.

Agora, quando o filho pródigo, o pecador, o povo de Israel, está afastado, desviado do caminho, está sentado debaixo da árvore, tratando de comer o que comem as bestas, de repente, vendo os porcos comendo, os burros, as vacas, que nos lembra, “re-corda” o que vivíamos quando crianças, então dizemos, como o filho pródigo: “e pensar que os animais estão melhor cuidados que eu”. Exagerando a nota, mas observando o Evangelho, eu às vezes digo, com todo respeito às minhas pombas e cachorros: “Se eu tivesse o que têm minhas cadelas”, porque latem um pouquinho e já me vêm correndo atrás delas com isso ou aquilo, aqui e ali, ou as pombas, os pássaros, os gatos, enfim, todo esse zoológico que tenho. “Incrível! Se o ser humano em algumas situações tivesse a metade disso, a metade de atenção que eu tenho com esses animais...” por fim, salvando as distâncias e para que possamos rir um pouquinho, mas também pensando no Filho Pródigo, esse era o sentimento: olhar os animais bem gordos que estavam no estábulo e tinham um lugar para dormir, todos os dias tinham água, porque são valiosos, é um capital; imaginem quanto vale uma vaca, um bezerro, um terneiro, um porco, Santa Maria! Se é um capital, devemos cuidá-los; mas talvez, o indivíduo ainda não tem um quinto disso, não tem nem um teto, nem para a renda própria, e nós nos perguntamos: “Será que não me dariam um pouquinho disso”; esse é o Filho Pródigo. Poderíamos dizer-lhe: “Bom, se foste tu quem escolheu, são as tuas decisões, não é injustiça do governo nem dos que te contrataram, pois tu mesmo escolheste”. O assunto é que estando debaixo da árvore – por dizer

de alguma maneira – como que lhe “caiu a ficha”, a maçã que caiu na cabeça de Newton, para que descobrisse a lei da gravidade, quando se dá conta e diz: ‘sim, me arrependerei, voltarei para o meu pai’”. Então o que se pede ao Filho Pródigo é, primeiro que se converta, e segundo, que saiba perdoar, como dizemos no Pai Nosso: “vamos te perdoar na medida em que tu também saibas perdoar”, além de todas as outras condições para a confissão. Mas vou ao seguinte ponto: esse ato, esse gesto, essa ocorrência de nos arrependermos, de mudar e ter força para nos reerguermos do solo, para virar o jogo, para não termos vergonha de dar dois passos atrás, essa força que não tínhamos; a força de Mateus para deixar tudo o que possuía e seguir a Cristo, para passar a vergonha que teve que passar; a força de Paulo para mudar tudo o que pensava e iniciar uma nova vida; essa força do arrependimento prévio ao perdão também é dada por Deus pela sua Misericórdia. Essa força é dada pelo Pai ao Filho Pródigo pela sua oração, por isso lhes disse que se ele o viu de longe é porque diariamente o procurava por lá, não é apenas coincidência. Vemos um antecedente no livro de Tobias, onde o filho menor vai embora e a mãe todos os dias saía a buscá-lo no horizonte, ou seja, buscava ao longe. Pelo menos a gente, que se criou no campo, sabe que olhando ao longe vemos aquilo que se move. Imaginem para uma mãe que perdeu um filho, que foi embora, e que diziam que provavelmente estivera morto, pois fazia muito que não aparecia. *“Aquilo que se move, será meu filho, será uma ovelha, será uma vaca, ou o que será? Ou será uma árvore que se mexe pelo*

vento?”. Da mesma maneira que a mãe de Tobias olhava ao longe, logicamente o Pai do Filho Pródigo também o procurava no horizonte. Por quê? Porque diariamente supõe-se que rezava, orava, chorava, sofria e pedia a Deus que o filho se convertesse. Lembremos de Santa Mônica, a mãe de Santo Agostinho, cujo filho estava totalmente perdido, e mesmo assim, a mãe que nada podia lhe dizer porque o filho lhe cortava e, como dizíamos, chorava; então quando Agostinho se converte o chamam “o filho de tantas lágrimas”. Ou seja, existe uma comunicação espiritual, existe uma influência da oração, uma influência que podemos dizer transcendente, que embora não estejamos presentes, influencia, pesa, converte. A oração, diria Tertuliano, faz mover os diques, faz mover montanhas, faz transportar árvores. Pela oração mudamos o mundo, diria o Evangelho, pela Fé, por isso que não se vê e mesmo assim se crê. Ou diriam os psicólogos, pela influência do inconsciente coletivo, o que faço aqui na minha casa, repercute. Como se diz: manda energias positivas. O que significa? Os bons desejos, boas intenções, entendemos que também influenciam, que também transpassam as portas, os limites, os muros, influenciam e convertem.

Portanto, para lhes encurtar a história, com Santa Mônica, mas especialmente com o Pai do Filho Pródigo, se esse filho, caído debaixo da árvore, cuidando os porcos, com fome e exausto, quebrado economicamente, se levanta e vai, é também graças ao seu Pai. Mas Ele não vai assumir o mérito, e ainda por cima vai nos fazer uma festa, e ainda vai dizer: “Parabéns! Te reergueste e

foste adiante!”, como um bom Pai dirá a um filho. Como aquela história com a minha mãe quando lhe pedi o dinheiro para lhe dar um presente: fui comprar o presente com o dinheiro que ela mesmo havia me dado, e o presente era uma bola de futebol; e ela me disse: “que linda bola, que lindo presente me deste, meu filhinho! Fazia muito tempo que estava esperando por isso!” E passados dez minutos, obviamente, pedi a bola para ir jogar. Assim, da mesma maneira acontece com Deus: nos converte, nos dá o arrependimento, e nos recebe de braços abertos e ainda se faz de surpreso e nos diz: “Oh céus, tu estás aqui! Que força, que valentia!” e ainda por cima nos enche de presentes.

Então, Deus é poderoso e humilde, o Pai do Filho Pródigo é poderoso e humilde, por tudo isso que acabo de dizer. Isso surge do amor, da Misericórdia, surge da força, do perdão e da antessala, do que está por trás. Só aí o Pai disse: “Eu te perdoo”, no entanto, todos os atos de arrependimento, de mudança, de humildade e de decisão também se deram pela força do amor do Pai que, cruzando distancias, operou sobre o filho, e isso é indiscutível. É um Pai Misericordioso, também proativo, efetivo e atuante. Isso que estou lhes dizendo, que é facilmente compreensível para quem ama, é dito pela carta aos Romanos no capítulo 5,8: “*Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores*”. Entendem? Não quando nos arrependemos e sim quando ainda éramos pecadores. Diz a primeira carta de João: “*Cristo se fez homem para nos salvar quando ainda andávamos perdidos*”. O que quero dizer é que quando andávamos

equivocados ou no pecado, já ali Deus investiu, arriscou e pôs tudo o que tinha para que nos convertêssemos. Tanto é assim que na Cruz, o próprio Jesus vai chegar a dizer: *“Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem”* (Lc 23,34); está perdoadando a quem ainda não havia se arrependido. Normalmente, entre os homens, quando se arrependem é que são perdoados. Mas aí o que estamos dizendo é que o próprio Deus se aventura, arrisca o seu perdão, ou motiva o perdão para que arrependidos lhe peçamos perdão. É curioso porque há alguns dias líamos na Missa o livro do profeta Oséias: *“Volta, Israel a Iahweh, teu Deus, pois tropeçaste em tua falta”* (Os 14,2). Deus diz: *“Arrependam-se e se aproximem ao Senhor dizendo: perdoa Senhor nossas maldades, aceita nosso arrependimento sincero que solenemente te prometemos”* (Cf Os 14). Até Deus mesmo põe na boca do pecador as palavras que deve usar para pedir perdão, entendem? É como o dinheiro que minha mãe me deu para que lhe comprasse um presente; e depois ainda me agradeceu.

Agora, se Deus é quem nos perdoa, se apenas Ele perdoa pecados, se Deus é quem produz ou fomenta o arrependimento para que voltemos a Ele, o ser humano colabora com o quê? O ser humano se dispõe, o ser humano livremente adere, “sobe no carro”, colabora com o plano de Salvação, ou seja, participamos dessa imensa economia da Salvação, que depende do Amor Misericordioso de Deus que atua, que opera, que – diríamos em termos futebolísticos – é quem faz o cruzamento, também quem cabeceia, e ainda faz o gol e depois nos dá parabéns. É Deus quem

nos converte, é Deus quem nos perdoa. Nós apenas aderimos, como o “eu” ao inconsciente, a essas realidades do nosso destino, como a Virgem Maria que diante de Deus, nosso Senhor, disse: *“Ele fez em mim grandes coisas”* (Lc 1,49); nós simplesmente colaboramos. E quando não nos arrependemos, quando não nos humilhamos perante Deus, o que acontece? Aí Deus não age? Deus, sim, age, mas está aí o mistério do livre arbítrio, ou da iniquidade humana, da necedade ou da estupidez humana que impedem que nos arrependamos. Não é porque Deus não aja, mas sim porque nos colocamos mais duros que uma pedra. Então, há um incrível mistério da liberdade humana que determina que podemos, com muito pouco, lamentavelmente, frear tantas coisas. São Paulo chama isso de “mistério da iniquidade”, da necedade ou do pecado, como preferam chamar.

Agora sim, além de tudo isso que constitui a negativa do homem à Graça de Deus, pela qual dizemos que muitos são os chamados e poucos os escolhidos, há também um Mistério de Seletividade, de preferência, que não podemos descartar e que significa que Deus também escolhe. A uns Ele dá o presente de arrependimento absoluto, mas parece que a outros nem tanto. Há um Mistério de Seletividade. Não apenas da liberdade humana, não apenas da iniquidade humana, é também um Mistério da preferência no amor, e Deus tem direito, dando-nos a todos o que todos necessitamos, Ele se guarda o direito de exceder-se em Amor com quem mais Ele quiser e, por isso, alguns são mais “estrelas” e outros serão mais “estrelados”.

Finalmente, queridos irmãos, neste domingo da Misericórdia, do perdão, ou da antessala, ou seja, do que está por trás, o backstage do perdão, da conversão e do arrependimento, naturalmente vamos invocar Maria Santíssima. Ela, como disse São Paulo, a predestinada desde tempos imemoriais. Há muitos nos predestinou, mas a quem predestinou mais que a Maria Santíssima? A quem haverá inundado mais com o presente do amor e da misericórdia do que àquela a qual se chama cheia de Graça? Portanto, quem melhor do que Maria para conhecer o que é a antessala, o que vai por dentro do amor, do perdão e da misericórdia? N' Ela Deus se derramou plenamente e d' Ela surgiu nem mais nem menos do que Aquele que é o único que perdoa os pecados, não por nossos méritos, mas pelo seu amor, pela sua Seletividade, preferência, ou por sua Graça, ou também pela Graça de seu caráter, ou pelo gracioso de sua alma que é Jesus Cristo, Filho de Maria e Nosso Salvador.

Que Assim seja!